

Revista a EVOLUÇÃO



Memórias Literárias

- 5
- 9
- 11
- 15
- 17
- 21
- 23
- 25
- 27
- 29
- 33
- 37
- 41

CE
Lite
comun
corações
entrecruza
certeza, irão

PREFÁCIO

fascinante.
Suassuna

Transformar a vida em literatura... leitoras e leitores, co
experiência de viver, como nos diz Suassuna. A
Vamos mergulhar nessas histórias? É pr
da obra que agora se apresenta. Um convite
As histórias aqui registradas estão guard
num lugar muito especial e foca de estudos
antiguidade – a memória.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

CEU ÁGUA AZUL



Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano V - nº 52 - Maio de 2024

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

Colunistas:

Adeilson Batista Lins

Isac Chateaneuf

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Alecina do Nascimento Santos

Andressa Talita de Lara

Antônio Evaristo

Daniela da Silva Souza Santos

Dinah Luisa da Silva

Ester de Paula Oliveira

Elisangela Santos Reimberg Eduardo

Fernanda Jaquelina Irineu Holanda

Janaina Pereira de Souza

Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro

Letícia Zuza de Lima Cabral

Luciana Pereira dos Santos Martins

Lucimara dos Santos de Barros

Marcela Rodrigues Pimentel

Maria Aparecida da Silva

Maria de Lourdes Ferreira da Silva

Maria Gilma do Nascimento Azevedo

Marilena Wackler

Monik de Cássia Sena de Almeida Morelo

Monika Shinkarenko

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Sabino Lázaro Argentino

Sidneia Viana

Sileusa Soares da Silva

Simone de Cássia Casemiro Bremecker

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 52 (mai. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 206 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.52

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS: <https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.52>



São Paulo | 2024

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Isac Chateaufneuf

José Wilton dos Santos

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Dr. Isac Chateaufneuf

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Dr. Isac Chateaufneuf

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

Vilma Maria da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703

Whatsapp: 55(11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)

netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)

https://primeiraevolucao.com.br

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>

<https://pixabay.com>

<https://www.pngwing.com>

<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaufneuf

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

11 DESTAQUE**MEMÓRIAS LITERÁRIAS****14 POIESIS**

J. Witon

ARTIGOS

1. A INSTRUÇÃO COGNITIVA E O CONHECIMENTO DURANTE O INÍCIO DA LINGUAGEM ESCRITA ALECINA DO NASCIMENTO SANTOS	15
2. OS ALUNOS DE EJA E AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS ANDRESSA TALITA DE LARA	23
3. A INSERÇÃO DA LITERACIA FINANCEIRA COMO DISCIPLINA NOS PROGRAMAS CURRICULARES DAS ESCOLAS DO ENSINO PRIMÁRIO ANTÔNIO EVARISTO	31
4. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR DANIELA DA SILVA SOUZA SANTOS	39
5. A RELEVÂNCIA DA SEGURANÇA E CULTURA DE PAZ NA EDUCAÇÃO DESDE A INFÂNCIA DINAH LUISA DA SILVA	45
6. REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO DAS ARTES ELISANGELA SANTOS REIMBERG EDUARDO	53
7. OS ANOS INICIAIS E AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM ESTER DE PAULA OLIVEIRA	59
8. A EDUCAÇÃO E O ENSINO DA CULTURA INDÍGENA FERNANDA JAQUELINA IRINEU HOLANDA	65
9. A EDUCAÇÃO FÍSICA E A MOTRICIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL JANAÍNA PEREIRA DE SOUZA	71
10. A IMPORTÂNCIA DA COORDENAÇÃO E DA SUPERVISÃO ESCOLAR JÉSSICA MIDORI NINOMIYA RIBEIRO	77
11. A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E O DESEMPENHO EM MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO LETÍCIA ZUZA DE LIMA CABRAL	85
12. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DAS HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL LUCIANA PEREIRA DOS SANTOS MARTINS	93
13. NEUROCIÊNCIA, ORALIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL LUCIMARA DOS SANTOS DE BARROS	105
14. REGGIO EMILIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL MARCELA RODRIGUES PIMENTEL	111
15. A GESTÃO ESCOLAR E O PROCESSO DEMOCRÁTICO E PARTICIPATIVO MARIA APARECIDA DA SILVA	117
16. A LUDICIDADE E CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO CORPORAL NAS CRIANÇAS MARIA DE LOURDES FERREIRA DA SILVA	123
17. DIVERSIDADES NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL MARIA GILMA DO NASCIMENTO AZEVEDO	133
18. LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO DOCENTE MARILENA WACKLER	141
19. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA ABORDAGEM SOBRE A ÁGUA MONIK DE CÁSSIA SENA DE ALMEIDA MORELO	151
20. O TEA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA MONIKA SHINKARENKO	159
21. NEUROLINGUÍSTICA: UMA INTERSEÇÃO ENTRE NEUROCIÊNCIA E LINGUAGEM PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA	165
22. O IMPACTO DO ESTILO DE LIDERANÇA OPTADO PELO GESTOR ESCOLAR NA GESTÃO DA ESCOLA SABINO LÁZARO ARGENTINO	171
23. RELAÇÕES AFETIVAS NO AMBIENTE ESCOLAR RELACIONADAS AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SIDNEIA VIANA	183
24. EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA TEA SILEUSA SOARES DA SILVA	191
25. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO UNIVERSO SIMONE DE CÁSSIA CASEMIRO BREMECKER	199

A EDUCAÇÃO E O ENSINO DA CULTURA INDÍGENA

FERNANDA JAQUELINA IRINEU HOLANDA¹

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo destacar o ensino da cultura indígena nas escolas. A metodologia presente é baseada em pesquisa bibliográfica. A contribuição dos povos nativos para a riqueza folclórica do Brasil é notável. Manteve-se no coração dos brasileiros o amor pelos brinquedos em forma de animais, que remonta à influência animista e totêmica da cultura indígena, reforçada pela cultura africana. Conhecer a base da história indígena, bem como os conceitos pertinentes a aprendizagem, é essencial para que os educadores abordem o assunto de maneira eficiente e eficaz, contribuindo para a quebra de preconceitos enraizados na conduta humana.

Palavras-chave: Contribuição; Cultura Indígena; Folclore.

INTRODUÇÃO

Cada sociedade humana assegura sua perpetuação ao longo da cronologia, zelando por preservar sua identidade cultural, considerando a cultura como um reservatório de saberes dos quais os participantes das interações extraem significados para compreender o mundo. Assim, as pessoas regulam seu senso de pertencimento a grupos sociais e promovem a solidariedade entre eles, fortalecendo a continuidade daquela coletividade. Essa tarefa, também conhecida como sistema educacional, desempenha um papel relevante.

É por meio de atividades diárias, conhecimentos, habilidades e princípios que são explicitamente promovidos ou ocultados nas instituições educacionais, que as crianças passam a se sentir integrantes de uma comunidade.

Por ser generalizante o termo 'índio' usado para designar todo habitante das Américas antes da chegada dos europeus, não dar conta de abranger sua complexidade e diversidade, mesmo

que existam algumas semelhanças no seu modo de viver. O termo é insuficiente para demonstrar as enormes diferenças que existem entre os povos indígenas, com identidades próprias e distintas crenças e tecnologias, além de formas únicas de viver e representar a vida. Por isso, podemos verificar em alguns estudos o emprego dos termos 'sociedade' ou 'povo' para designar uma coletividade indígena (SILVA E COSTA, 2018, p. 11).

Gradualmente, a criança vai tomando consciência de uma série de particularidades que a identificam e dos laços que a ligam aos seus semelhantes. Por outro lado, ela descobre que algumas das características físicas, linguísticas, costumes, formas de pensar, entre outros, que a distinguem e a conectam com seu grupo são diferentes das de outras pessoas e grupos humanos. Todos os seres humanos, independentemente de serem comparados com indivíduos de características físicas muito distintas, línguas maternas diferentes ou costumes muito diversos, adquirem algum grau

¹ Graduada em Pedagogia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

de consciência de sua existência como um grupo distinto.

Eles trouxeram consigo uma variedade de alimentos que hoje compõem a gastronomia brasileira, assim como substâncias medicinais e remédios caseiros. Além disso, suas tradições abarcam cuidados com o desenvolvimento infantil, utensílios culinários e, especialmente, práticas de higiene. As danças totêmicas são a essência do folclore indígena, nas quais os dançarinos encenam rituais mágicos imitando seres animais. Essas figuras animais são enraizadas na memória coletiva da infância por meio de contos e rituais. A tradição das bonecas de barro indígenas não se estendeu completamente à cultura brasileira. Em vez disso, atualmente, as meninas que vivem em áreas rurais ainda apreciam as bonecas de pano, uma herança africana. No entanto, o encanto das crianças por brinquedos com representações animais continua sendo uma característica distintiva da cultura brasileira, apesar de gradualmente desaparecer com a padronização industrial.

Atualmente, os textos legais de qualquer Estado democrático proclamam ou orientam para a igualdade de todos os cidadãos, independentemente de sua raça, gênero, ideologia ou religião. No entanto, não se deve cair em visões ingênuas da realidade.

A HISTÓRIA E A CULTURA INDÍGENA

A história demonstra que em países onde há crescimento econômico e se aproxima algum perigo de recessão, posições xenofóbicas emergem quase simultaneamente. Da mesma forma, mesmo em um continente como as Américas, onde todas as instituições são consideradas antirracistas, as minorias étnicas ainda são "obrigadas" a viver em condições piores do que a média.

Há uma abundância de pesquisas que mostram que a seleção cultural realizada pelos sistemas educacionais não pode ser adequadamente compreendida se não levarmos em consideração, além da dimensão socioeconômica, as variáveis de gênero e raça.

Por má consciência e boas intenções, imperou durante muito tempo a noção de que os índios foram apenas vítimas do sistema mundial, vítimas de uma política e de práticas que lhes eram externas e que os destruíram. Essa visão, além de seu fundamento moral, tinha outro, teórico: é que a história, movida pela metrópole, pelo capital, só teria nexos em seu epicentro. A periferia do capital era também o lixo da história. O resultado paradoxal dessa postura „politicamente correta“ foi somar à eliminação física e étnica dos índios sua eliminação como sujeitos históricos (CUNHA, 2012, p. 22).

Sob a perspectiva das teorias da reprodução, que têm como base a função da escola em reproduzir a cultura das classes dominantes, transmitindo valores e padrões de comportamento para homogeneizar um determinado modo de "estar no mundo", os recursos educacionais também atuam como filtros para selecionar conhecimentos e verdades que estejam alinhados aos interesses das classes dominantes e grupos sociais. Desempenham, assim, um papel crucial na reconstrução da realidade tanto por parte dos alunos quanto dos professores.

Os livros didáticos são inseridos no contexto das políticas educacionais. Os governos sempre buscam monitorar, controlar ou definir a perspectiva dos currículos oficiais, assim como a igreja, os sindicatos, os partidos políticos, os professores, os pesquisadores educacionais e outros atores de poder. Da mesma forma, tanto no Brasil, após o período militar, quanto após o término da Segunda Guerra Mundial em todo o mundo ocidental e, particularmente, nos Estados Unidos durante a Guerra Fria, a censura de materiais instrucionais era especialmente rigorosa. Cada governo vitorioso se esforçava para garantir a interpretação dos acontecimentos de acordo com seus interesses.

A mudança dos livros didáticos é superficial, onde o conhecimento histórico se mantém como verdade absoluta, tornando-se homogênea, e sem a problematização, estando ainda mais próxima da história social e econômica que da cultural (ZAMBONI, 1998, apud MAGALHÃES, 2012, p. 20).

Os materiais didáticos desempenham um papel crucial na tentativa de padronizar o sistema educacional, ao mesmo tempo em que contribuem para moldar a realidade a partir de uma perspectiva alinhada aos interesses de dois grupos dominantes em cada sociedade. O que dizemos e o que omitimos em nossos livros, quais alunos entram em contato com eles, quais estereótipos e distorções da realidade promovemos, o que é falso e quais grupos são invisibilizados são questões que muitos pesquisadores tentam responder.

Os livros escolares continuam a ignorar as pesquisas realizadas pela história e antropologia sobre o conhecimento do outro, revelando deficiências no tratamento da diversidade cultural existente no Brasil. É com esse material equivocado e deficiente que professores e alunos têm encontrado representações dos povos indígenas na sala de aula. Preconceito, desinformação e intolerância são resultados esperados nesse contexto (GRUPIONI, 1995, p.483).

A maior parte das pesquisas e conteúdos dos livros didáticos tendem a se concentrar na área das Ciências Sociais, pois sua missão é possibilitar a compreensão da sociedade atual, sua formação e as condições da realidade atual. No entanto, ao analisarmos as omissões e distorções presentes na apresentação das informações, fica difícil acreditar que esses objetivos possam ser alcançados. Um dos problemas mais recorrentes nos livros didáticos é a negligência em relação à multiplicidade de perspectivas encontradas em todas as disciplinas que compõem as Ciências Naturais, como, por exemplo, a cultura indígena.

Ao abordarmos essas preocupações a partir do conteúdo do currículo escolar, é necessário examinar os mecanismos que criam modos de racionalidade e pensamento associados à discriminação racial, cultural, étnica e ideológica contra os povos indígenas, especialmente no contexto brasileiro. Não é comum encontrar pesquisas ou tratamentos da cultura indígena nos livros didáticos brasileiros. Os estudos mais comuns são aqueles baseados em temas como gênero, família, abordagens da história nacional, entre outros.

OS LIVROS DIDÁTICOS E AS IMAGENS REPRESENTANDO OS INDÍGENAS

Nas imagens apresentadas pelos livros escolares, observam-se classificações de figuras humanas por classe social, principalmente relacionadas à sociedade colonial brasileira na época da chegada dos portugueses ao Brasil. É admitido que, naquela época, os indígenas ocupavam uma posição desfavorecida na escala social, ficando em penúltimo lugar, sendo o último ocupado pelas pessoas de etnia negra.

Os indígenas são retratados nos livros escolares com distorções de sua realidade. Eles são apresentados como uma extensão das representações de discriminação, estereótipos e exclusão presentes no imaginário coletivo da sociedade dominante, porém de maneiras disfarçadas. Isso é evidenciado pela análise das ilustrações, que refletem visões parciais sobre a figura e a cultura dos indígenas, retratando-os em suas comunidades de forma tradicional, sem mostrar imagens que sugiram os diferentes graus de aculturação e transculturação que conhecemos atualmente.

Em relação à influência cultural dos grupos indígenas, que agora fazem parte da população brasileira, reconhecemos sua valiosa contribuição, que é representada em imagens de produtos agrícolas, como o cacau, o milho, a mandioca, e em instrumentos como maracas, flechas, entre outros.

No entanto, os textos que expressam a perspectiva indígena permanecem invisíveis, apesar de serem uma segunda forma de representação social quantitativamente significativa. Essa contradição se torna evidente na interação entre os indígenas e os indivíduos brancos, uma vez que a cultura indígena e as imagens apresentadas estão constantemente subordinadas à figura do homem branco, que ocupa posições privilegiadas e é destacado nas representações.

Para que possamos abordar adequadamente a cultura indígena com as crianças, é necessário fornecer ilustrações que

retratam os povos indígenas contemporâneos, explicando seus costumes e tradições. Devemos ir além dos livros didáticos e buscar pesquisas mais aprofundadas na internet e outras fontes.

O JOGO, OS SÍMBOLOS E OS INDÍGENAS

O ato de jogar nas comunidades ancestrais não envolve a separação da criança do mundo adulto, tampouco a inserção da criança em um sistema social de divisão do trabalho. Nas áreas urbanas e industrializadas, há uma separação entre a criança e o mundo adulto, onde frequentemente as crianças não podem brincar de certas profissões devido ao perigo envolvido. As crianças das comunidades ancestrais cultivavam seus próprios alimentos, algo que não ocorre com as crianças que vivem em áreas urbanas e industrializadas.

Os primeiros brinquedos significativos para um bebê são aqueles que transmitem sentimentos nobres, como amor, proteção e cuidado. O bebê explora o mundo por meio do contato com seu próprio corpo, despertando todos os sentidos: tato, olfato, paladar e visão.

Nos estágios iniciais da vida da criança, ela mesma é o brinquedo, assim como sua mãe se torna seu brinquedo, e tudo ao seu redor se transforma em uma brincadeira.

Em sociedades indígenas, os brinquedos são artefatos lúdicos-infantis que não são necessariamente numerosos, e não são frequentemente encontrados em coleções etnográficas de museus e universidades. No entanto, esses artefatos não foram coletados ou pesquisados no contexto das relações sociais ligadas ao mundo do jogo ou ao universo da maternidade. Em muitos casos, os artefatos depositados nas coleções foram coletados como parte de estudos recentes de etnologia indígena no Brasil, que focaram em temas como organização social e contatos interétnicos nas décadas de 1960 e 1970.

O jovem indígena explora o mundo por meio do contato com os fenômenos naturais há mais de quinhentos anos.

Os cuidados especiais ficam a cargo das mulheres indígenas quando dão à luz, enquanto os pais têm a responsabilidade dos primeiros cuidados com o bebê e devem estar atentos aos cuidados da mãe para garantir o bem-estar da criança.

Quando o bebê nasce, a primeira medida a ser tomada é achatá-lo o nariz, e se for menino, o pai o pinta de preto e coloca em sua rede uma pequena chave indígena chamada macamã, além de um arco e flechas que só serão usados quando a criança tiver dois ou três anos de idade.

O bebê utiliza um chocalho feito de casca de frutas para afastar os espíritos malignos. Mais tarde, seus brinquedos seriam sementes de frutas, pedras, pequenos pedaços de madeira, ossinhos de animais, conchas e terra. As penas e asas de pássaros se tornam objetos de imaginação infantil.

Para distrair e acalmar os filhos, as mães criavam uma espécie de boneca com galhos secos e folhas. Entre as tribos indígenas brasileiras, as mães moldavam bonecos de barro queimado que imitavam animais ou homens com cabeças para que não se quebrassem facilmente. As bonecas indígenas eram feitas pelas meninas e tinham o formato de mulheres adultas ou mulheres grávidas da tribo próxima ao rio Araguaia. Elas eram decoradas com colares feitos de sementes e conchas, e tinham cerca de vinte centímetros de altura, sendo objeto do carinho materno das meninas.

Os pais e avós confeccionavam arcos e flechas inofensivos para crianças com dois ou três anos de idade, e mais tarde aprimoravam-nos para que as crianças mais velhas pudessem acompanhar seus pais na caça e pesca.

Desde pequenas, as meninas ajudavam as mães nas tarefas domésticas e na plantação. Elas não tinham tempo livre, pois cuidavam dos irmãos menores, carregando-os nas costas ou no peito, seguindo o exemplo materno.

Em sua maioria, as representações simbólicas presentes nos brinquedos e nas ilustrações infantis retratam miniaturas de

objetos culturais que possuem uma importância social já comprovada.

O ato de brincar oferece às crianças a oportunidade de estabelecer conexões com o mundo exterior, com outras pessoas, com objetos e consigo mesmas. Através desse ato, elas expressam-se, descobrem suas habilidades e limitações, deduzem características das coisas, investigam, maravilham-se, imaginam e criam.

Quando as crianças brincam, elas constroem uma compreensão do mundo e são influenciadas culturalmente, pois brincam com base no que veem e vivenciam. Nos jogos tradicionais, por exemplo, reflete-se a diversidade do patrimônio cultural presente em diferentes territórios e comunidades.

Os mitos, as canções de ninar, os encontros ao redor da fogueira, as danças e as pinturas faciais são formas de expressão artística presentes nas comunidades indígenas, que também se relacionam com as crianças. Através dessas expressões, elas entram em contato com as práticas tradicionais de suas comunidades, a relação com a terra, as situações cotidianas, a cosmogonia, os ritmos e os instrumentos. Os ancestrais, as origens e os locais no Brasil, a organização de suas comunidades, os momentos vitais na infância, os rituais e as lutas para preservar as tradições, mesmo ao migrar para novos territórios fugindo da violência, são alguns dos aspectos abordados nas informações de cada grupo.

Os jogos tradicionais desempenham um papel fundamental ao moldar uma identidade única e serem transmitidos de geração em geração, principalmente de forma oral, promovendo coesão e enraizamento nos grupos humanos.

Atribuir aos jogos um lugar importante na educação inicial é conceder protagonismo às crianças. Compartilhar com elas brincadeiras tradicionais de diferentes etnias ajuda a ampliar sua compreensão do outro e da diversidade. Brincar é um direito que deve ser garantido em todos os ambientes que envolvem a primeira

infância: lar, ambiente educacional, ambiente de saúde e espaços públicos.

Temas relacionados a brincadeiras, incluindo aquelas associadas a jogos indígenas, têm recebido pouca atenção na antropologia contemporânea. Apesar dos primeiros etnógrafos que trabalharam com populações indígenas e dos missionários que descreveram as práticas dos grupos que habitavam o território que corresponde ao atual país terem levado em consideração o jogo indígena, a natureza dessas atividades não foi estudada de forma sistemática. Atualmente, conhecemos pouco sobre o papel atribuído ao jogo nas abordagens das populações indígenas no território brasileiro, desde o século XVIII até o início do século XX.

Recentemente, alguns pesquisadores têm dedicado parte de seu trabalho a temas relacionados à cultura indígena, sistematizando informações e, ao mesmo tempo, gerando novas investigações etnográficas.

No cenário atual, existem jogos interativos que se inspiram na cultura indígena, como por exemplo:

VIVÊNCIA

Em um mundo chamado Nahucan, a jovem Itorah é a última sobrevivente da raça humana. Enfrentando uma Praga misteriosa que ameaça consumir tudo, ela embarca em uma jornada para descobrir segredos que podem reverter a situação. Contando com a ajuda de uma arma viva chamada Koda, Itorah enfrenta desafios e perigos nessa terra desconhecida.

SOL IMP

Nin, um ser nascido da última centelha do sol, tem a missão de restaurar o poder dos reis das estrelas. Para alcançar esse objetivo, ele precisa derrotar os Quatro Guardiões que mergulharam o mundo em um eterno eclipse.

Esses exemplos demonstram que, além dos jogos tradicionais ligados à cultura indígena, há uma crescente presença da cultura indígena em diferentes formas de entretenimento, incluindo jogos de computador e outros meios.

Dessa forma, a cultura indígena está cada vez mais conectada ao nosso mundo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade brasileira é composta por grupos indígenas e não indígenas que possuem suas próprias particularidades culturais e que se identificam entre si de acordo com seu modo de pensar, viver, sentir, ver e avaliar a natureza do conhecimento.

No trabalho docente, como parte do processo de formação de professores de educação intercultural, são considerados tanto os saberes teóricos e científicos, quanto os saberes e saberes sobre a visão do mundo indígena.

Historicamente, o conhecimento do patrimônio sociocultural dos povos indígenas estão começando a ser considerados agora como componentes do currículo escolar.

A educação intercultural se apoia em um conceito humanista baseado em um capital dinâmico da diversidade. Este capital destina-se a ajudar os alunos a fazer a melhor escolha possível entre os vários modelos e oportunidades oferecidas por várias culturas. Com efeito, a educação intercultural exige um ato pedagógico que reconheça a diversidade e heterogeneidade das referências, valores, perspectivas e práticas que devem torná-los explícitos para aprender e construir novos conhecimentos, como conhecer a cultura indígena.

Nos dias atuais, a inserção da história e cultura indígena na educação brasileira tem se ampliado significativamente. É crucial estabelecer um processo de integração entre os estudantes, promovendo a troca de vivências e engajamento, de modo que todos possam se reconhecer mutuamente, compreender suas origens, raízes culturais e contextos de vida. Dessa forma, evita-se a exclusão e a negação das identidades culturais, permitindo que os alunos reflitam e construam suas próprias identidades

culturais e valorizem as diferenças. A interação entre as experiências culturais e a escola resultará no fortalecimento da autoestima, na redução do desconforto de se sentir deslocado e na diminuição de problemas relacionados à aprendizagem e à indisciplina, além de combater os preconceitos.

Ao trabalhar a história e a cultura indígena, a escola tem a oportunidade de resgatar nossas origens e sensibilizar a comunidade escolar sobre a influência e importância que a cultura indígena exerceu ao longo do tempo em diversos aspectos da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: História, Direitos e Cidadania**. São Paulo: Claro enigma, 2012.
- GRUPIONI, Luís Donizeti Benzi. Livros didáticos e fontes de informação sobre as sociedades indígenas no Brasil. In: Silva, Aracy Lopez Da Silva; Grupioni Luiz Donisetti Benzi. (org.). **A questão indígena na sala de aula**. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: mec, pp. 481-526. 1995.
- MAGALHÃES, Leandro Henrique. O índio brasileiro no livro didático. **Hist. Ensino**, Londrina, v. 6, p. 73-89, OUT. 2000.
- SILVA, Geovani J.; COSTA, Anna M. R. F. M. da. **Histórias e Cultura Indígena na Educação Básica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.



EVOLUÇÃO

Ano 51
n. 51
Abri. 2024
ISSN 2675-2573



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.52>

ORGANIZAÇÃO:

Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Alecina do Nascimento Santos
Andressa Talita de Lara
António Evaristo
Daniela da Silva Souza Santos
Dinah Luisa da Silva
Ester de Paula Oliveira
Elisangela Santos Reimberg Eduardo
Fernanda Jaquelina Irineu Holanda
Janaina Pereira de Souza
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro
Letícia Zuza de Lima Cabral
Luciana Pereira dos Santos Martins
Lucimara dos Santos de Barros
Marcela Rodrigues Pimentel
Maria Aparecida da Silva
Maria de Lourdes Ferreira da Silva
Maria Gilma do Nascimento Azevedo
Marilena Wackler
Monik de Cássia Sena de Almeida Morelo
Monika Shinkarenko
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Sabino Lázaro Argentino
Sidneia Viana
Sileusa Soares da Silva
Simone de Cássia Casemiro Bremecker

ISSN 2675-2573



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

